
**REPRESENTAÇÕES DA GUERRA FRIA NO DISCURSO
JORNALÍSTICO NORTE-AMERICANO
DE DREW PEARSON (1950-1960)**

**REPRESENTATIONS OF THE COLD WAR IN THE NORTH
AMERICAN JOURNALISTIC DISCOURSE
OF DREW PEARSON (1950-1960)**

Leonice Portela
Mestranda em História - UPF
leonice_portela@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo pretende realizar uma análise nas páginas da revista *O Cruzeiro* no período de 1950 a 1960, na coluna Carrossel do Mundo escrita pelo jornalista norte-americano Drew Person. Nesta pesquisa evidenciaremos o cruzamento da história com a imprensa e as representações que esta fazia do contexto dos anos de 1950 a 1960. Além de utilizarmos a revista *O Cruzeiro* como fonte de pesquisa, está também será nosso objeto de estudo na medida em que se pretende analisar a revista nos seus intrincados bastidores e relações com o poder. A revista é fonte de sua própria história e das mais diversas situações, encontramos dados sobre a sociedade, costumes, informando sobre questões políticas e econômicas inseridas em suas representações através de suas palavras e imagens. Realizaremos um panorama dos artigos de Drew Pearson no período de 1950 a 1960, sendo classificadas em três Eixos Temáticos que se destacam como: a) Articulações Políticas dos Estados Unidos nas relações internas e externas; b) As ameaças do Comunismo; c) Guerra Fria na sua perspectiva de “guerra de nervos”.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa. Guerra Fria. Representações.

ABSTRACT: This article intends to conduct an analysis in *O Cruzeiro* Magazine's pages in the period 1950-1960, of the column Carrossel World's written by American journalist Drew Person. This research will feature the meeting of history with the press and the representations that it was the context of the years 1950 to 1960. Besides we exploit *Cruzeiro's* magazine as a source of research, it's also be the object of our study in that it's intended analyze the magazine in its intricate backstory and relationship with power. The magazine is a source of their own history and the different situations we find data about the company, tradition, reporting about political and economic issues embedded in their representations through words and images. We will have an overview of the articles by Drew Pearson in the period 1950-1960, and are classified into three Thematic Groups that stand out: a) Articulations Policies of the United States in internal and external relationships; b) The threat of Communism; c) Cold War in its view of "war of nerves".

KEYWORDS: Press. Cold War. Representations.

História e imprensa

Para realizarmos o cruzamento da História com a Imprensa, teremos de ir por duplo viés utilizando a imprensa tanto quanto fonte de reconstrução de cenários históricos. P. Alberte e F. Terrou apresentam na obra a *História da Imprensa* uma originalidade ímpar sobre as dificuldades de trabalhar com imprensa, mostrando que a noção de imprensa periódica abrangeu uma massa muito diferente de publicações e, “seus tipos de categorias se diversificaram a tal ponto que muitas vezes a variedade e a multiplicidade dos títulos acabam mascarando a unidade do conjunto”.

Como ressaltam P. Alberte e F. Terrou:

A sua função principal, que consiste em restituir à vida dos jornais e especificar o papel que eles representaram na evolução das sociedades, a história da imprensa acrescenta uma espécie de função derivada: a de ajudar os historiadores a utilizar o testemunho dos jornais. Não se pode construir ou compreender um determinado período histórico sem refletir sobre a evolução geral das sociedades; “de todos objetivos da pesquisa histórica, o jornal é talvez o que mantém as mais estreitas relações com o estado político, a situação econômica, a organização social e o nível cultural do país e da época dos quais constitui reflexo. (ALBERT, P.; TERROU, F.,1990, p.32)

Nesse sentido, percebemos a importância de estudarmos a imprensa para compreendermos as relações de poder que estão interligadas com o cotidiano da sociedade. Como afirma Ana Maria Almeida Camargo no artigo *História dos, nos e por meio dos periódicos*:

não podemos dispensar a ida aos jornais, seja para obter dados de natureza econômica (câmbio, produção e preços) ou demográfica, seja para analisar múltiplos aspectos da vida social e política sempre com resultados originais e postura muito distante da tão temida ingenuidade.(DE LUCA apud CAMARGO, 2005, p.23)

A imprensa não controla as atitudes, crenças e pensamentos do público receptor, mas traz para sua atenção uma seleta agenda de tópicos para se refletir a respeito. Os corpos podem ser torturados, amordaçados, repreendidos, mas o pensamento de um homem jamais

vais ser reprimido. “Onde quer que a imprensa seja livre e todos os homens saibam ler, tudo está salvo” afirmou Thomas Jefferson. (DE LUCA, 2005, p. 35)

De acordo com Derocina Alves Campos Sosa:

O uso de fonte jornalística como instrumento a ser utilizado em história política, conseqüentemente, não tem como deixar de levar em consideração o viés ideológico, presente ou na feitura do texto ou em sua leitura à época em que foi produzido. Isso conduz, inapelavelmente, à pesquisa não só das peças textuais em si, mas também do momento histórico em que foram produzidas e, dado o volume das mesmas, impõe-se ao pesquisador uma necessária e clara delimitação de cenários e tópicos envolvidos no processo (SOSA, 2006, p.123)

Ainda segundo Derocina Sosa, em seu artigo *História e Imprensa*, em relação à utilização da imprensa escrita como fonte para a História, observa-se que:

O discurso jornalístico obedece às regras históricas e é o resultado de uma posição sócio histórica, na qual o conteúdo apresentado está visceralmente ligado ao seu tempo. A imprensa escrita, com a história, percebendo-se nelas situações concretas que remetem às especificidades reveladoras de sua ideologia e de seus contatos com o poder. (SOSA, 2006, p.110)

Maria Helena Capelatto, em *Imprensa, uma mercadoria política*, também destaca o papel da imprensa:

(...) enquanto a gente não abrir espaço para partidos mais fortes, partidos ideológicos, mais enraizados, a imprensa vai continuar usurpando esse espaço que pertence aos partidos”. Por outras palavras, é o que expressa muito claramente um dos mais importantes homens de imprensa do século passado, Assis Chateaubriand, segundo o qual ela existia para conduzir a política, mais do que para dela participar. Aliás, o poder da imprensa, no sentido que aqui se lhe dá, esteve presente nas preocupações de todos os literatos e políticos desde o século XIX até o presente. (CAPELATTO, 1991, p. 131).

Evidencia-se que a revista não é meramente mais uma fonte histórica utilizada pelo historiador, mas sim uma ponte entre as relações sociais e o cotidiano dos cidadãos de um determinado período da história. A revista é fonte de sua própria história e das mais diversas situações onde encontramos dados sobre a sociedade, costumes, informações sobre questões políticas e econômicas inseridas em suas representações através de palavras e imagens.

Derocina Sosa enfatiza:

A visão da imprensa como fiel refletora daquilo que está ocorrendo na sociedade, no entanto, justifica apenas um dos componentes dessa mesma imprensa. O outro é aquele ligado ao papel que a imprensa escrita vem desempenhando ao longo da história e mais precisamente da história do Brasil, ou seja, o de espaço privilegiado de exercício da política, como exposição de ideias ou ainda da política partidária, responsável pela construção dos discursos. (SOSA, 2006, p. 125)

Nesta perspectiva, justifica-se a necessidade de se ter um olhar apurado para os bastidores da imprensa com a qual se trabalha, no caso a revista *O Cruzeiro*, seu proprietário, Assis Chateaubriand e a coluna Carrossel do Mundo, escrita por Drew Pearson.

Em relação ao estudo da imprensa no Brasil, houve duas fases. A inicial, nos anos 1960, cujo nome de destaque foi Nelson Werneck Sodré, e outra nos anos de 1980, com destaque para Tânia de Luca, entre outros. Derocina Sosa coloca:

A primeira fase trabalhava com doutrinas e ideias que estabeleciam uma luta nos bastidores e nas páginas dos jornais e periódicos, percebidos, em geral, pelo tom forte do vocabulário usado, pelas expressões agressivas ou laudatórias. (...) Os jornais estão localizados na encruzilhada desses elementos: estado, política e poder, combinando-se com eles, ora endossando o discurso oficial, ora opondo-se a ele.”. (DE LUCA, 2005, p. 34).

O estudo dos artigos de Drew Pearson podem contribuir para a compreensão do contexto histórico da Guerra Fria nas manifestações sobre o imaginário do comunismo em que estão inseridos. Como salienta Rodrigo Patto Sá Motta: “O imaginário anticomunista representava o adversário revolucionário, assim como suas ideias, como se significasse perigosa ameaça” (MOTTA, 2002, p. 27-37). Sobre o imaginário, adotamos o entendimento deste autor para o qual o mesmo significa o “um conjunto de imagens e relações de imagens produzidas pelos aspectos da vida social” (MOTTA, 2002, p. 27).

Ainda sobre o imaginário, Rodrigo Patto Sá Motta, destaca:

As campanhas e mobilizações anticomunistas deram origem à constituição de um imaginário próprio, uma conjunção de imagens dedicadas a representar os comunistas e o comunismo. Naturalmente, dada a disposição de recusa integral ao projeto revolucionário, tais imagens negativas se concentram em apontar aspectos negativos nas doutrinas e práticas

comunistas. Aos comunistas foi atribuído, ao longo do tempo, um elenco variado de qualidades negativas. Eles foram acusados de crimes de violência sem par e de conspirar contra a ordem social e a “boa sociedade”. Entre os alvos da ofensiva comunista incluíam-se os valores da moral tradicional, que eles supostamente pretendiam subverter como parte de seus planos revolucionários. No limite, chegou-se a associar a ação dos comunistas aos desígnios do próprio demônio, pois os revolucionários foram representados como encarnação do “mal absoluto”. (COELHO, 1997, p. 212).

A hegemonia dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial consistia em um monopólio das decisões estratégicas. Washington movia uma Guerra Fria contra o socialismo, ou melhor, contra a União Soviética. A corrida armamentista tornou-se uma resposta para a possível expansão das ideologias socialistas pelo mundo.

Como explana Eric Hobsbawm sobre as origens da Guerra Fria:

Segunda Guerra Mundial mal termina quando a humanidade mergulhou no que se pode encarar, razoavelmente, como a Terceira Guerra Mundial, embora uma guerra muito peculiar. Pois, como observou o grande filósofo Thomas Hobbes, a “guerra consiste não só na batalha, ou no ato de lutar: mas num período de tempo em que a vontade de disputar pela batalha é suficientemente conhecida”. A Guerra Fria entre EUA e URSS, que dominou o cenário internacional na segunda metade do Breve Século XX, sem dúvida um desses períodos. Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade. (HOBBSAWM, 1995, p. 224)

Para o autor Paulo Fagundes Vizontini em sua obra *Da Guerra Fria à Crise*, as raízes hegemônicas dos Estados Unidos estão intimamente relacionadas aos resultados da Segunda Guerra Mundial:

(...) para os EUA na economia após a Segunda Guerra ficaram como os maiores beneficiados: expandiram o seu parque industrial, absorveu a enorme massa de desempregados dos anos 30, não sofreu quase perdas humanas e materiais. Começou responder por quase 60% da economia e da produção industrial mundial. Reforçada pela semi destruição de seus rivais Alemanha, Itália e Japão e o enfraquecimento de dos seus aliados capitalistas França e Grã-Bretanha e a derrota do Nazifascismo. (VIZENTINI, 2006, p. 12)

Drew Pearson descrevia os bastidores desta guerra de estratégias, entre os Estados Unidos - colocados como defensores do mundo- e a União Soviética - tida como exterminadora da raça humana, no artigo do dia 21 de janeiro de 1950, intitulado *A bomba atômica russa*:

Foi o General Hoyt S. Vandenberg quem fez a primeira insinuação sobre o que até agora tem constituído um segredo oficial: o aumento do número de bombas atômicas em poder da Rússia. A comissão de energia atômica informa à casa branca que os russos pretendem fazer explodir novas bombas atômicas no verão deste ano. O atraso dos Estados Unidos com relação à Rússia é significativo: Enquanto isso, a Rússia está acumulando estoques de bombas atômicas com tanta rapidez que os peritos de informação militar dos Estados Unidos calculam que terá bombas suficientes para empenhar - se numa guerra em 1956. (O CRUZEIRO, 1950, p. 58.)

As rivalidades estavam calcadas nas disputas de áreas de influências, como comenta Demétrio Magnoli:

Os estados estritamente “nacionais” não se consideram inimigos de morte, mas simplesmente rivais. Seus governantes não se consideram pessoalmente ameaçados pelos governos dos Estados vizinhos. Todo Estado é, aos olhos de qualquer outro Estado, um possível aliado; o inimigo de hoje é poupado porque pode ser o aliado de amanhã e porque é indispensável ao equilíbrio do sistema nestas circunstâncias, a diplomacia é realista, às vezes mesmo cínica, e é também moderada razoável. (MAGNOLI, 1996, p. 32)

Este era o foco principal da Guerra Fria: um jogo de estratégias de relações diplomáticas. Nesta conjuntura se evidencia o discurso de Drew Pearson nas páginas da revista *O Cruzeiro*, mostrando de forma simbólica um embate num “*jogo de xadrez*”, no qual cada movimento deveria ser muito cauteloso.

Demétrio Magnoli realiza uma reflexão sobre a relação da imprensa e a política internacional, nos seguintes termos:

A confiança que une o leitor ao jornal liga-se à crença de que este é um “espelho do mundo”, um *retrato fiel da realidade*. O jornal confiável é aquele que informa sem sugerir. [...] realmente, política e ideologia estão presentes na organização de todo o noticiário que não é “neutro” ou “objetivo”. O jornal, ao contrário do que apregoa a teoria da objetividade jornalística, engaja-se na divulgação de uma concepção de mundo. Ele não é

um “espelho do mundo”, mas um aparelho produtor de interpretações do mundo. (MAGNOLI, 1996, p. 16)

Como comenta Karl W. Deutsch no texto *Como se Faz Política Externa*, sobre o período da Guerra Fria e as suas relações comerciais:

Em complementação ao fluxo internacional de bens e de dinheiro, os interesses econômicos e americanos no exterior incluem a aquisição de títulos de propriedade de terras, prédios, recursos minerais e meios de produção. Finalmente, os interesses, norte-americanos podem incluir a preservação ou a obtenção de condições particularmente favoráveis de comércio e de financiamentos para as empresas norte-americanas situadas naqueles países que, em alguns casos sejam relativamente dependentes dos Estados Unidos. (DEUSTSCH, 1983, p.15)

O período da Guerra Fria suscitou muitos estudos que evidenciam o duelo entre duas potências os Estados Unidos e a União Soviética, assim com destaca o autor José Flávio Sombra Saraiva:

O curso das duas décadas que vinculam o ano de 1947 ao de 1968, no âmbito das relações internacionais, foi ditado pela supremacia de dois gigantes sobre o mundo. Os Estados Unidos e a União Soviética assenhorearam-se dos espaços e criaram um condomínio de poder. Os nuances no sistema condominial de poder: da relação “quente” da Guerra Fria (1947-1955) à lógica da coexistência pacífica (1955-1968), as duas superpotências migraram da situação de desconfiança mútua para uma modalidade de convivência tolerável. Da corrida atômica do final dos anos 40 e início dos anos 50 às negociações para um sistema de segurança mundial sustentado no equilíbrio das armas nucleares, os dois gigantes evoluíram nas suas percepções acerca da avassaladora capacidade destrutiva que carregavam. (SARAIVA, 2001, p. 19)

É interessante observar os eixos que alicerçam a Guerra Fria. Primeiramente a intensa busca pelo pelas manipulações e pela superioridade nuclear. Porém como podemos perceber nem tudo esta conforme o planejado nesta bipolaridade de poder e não tarda para começa a ser preocupante. Segundo, torna-se alarmante a possível expansão do comunismo, o que deixaria a União Soviética com mais aliados tanto no âmbito das relações comerciais como também ideologicamente. Neste contexto, surgem as manifestações do imaginário comunista e a luta dos Estados Unidos contra a sua expansão, utilizando-se deste “perigo comunista”

para dar continuidade ao seu rearmamento e conseguir frear a União Soviética nas suas expansões comerciais, ideológicas e principalmente nas questões de energia nuclear.

Alguns textos foram pesquisados para conseguir elucidar este contexto do imaginário anticomunista, tendo como peculiaridade as manifestações em jornais, revistas e nos folhetos católicos distribuídos pelas igrejas, os quais realizam uma profunda análise do discurso e quais os procedimentos e métodos são utilizados para interpretar este imaginário de terror, punição e proibição das práticas comunistas.¹

Pierre Bourdieu afirma que:

as representações que os agentes sociais têm das divisões da realidade e que contribuem para a realidade das divisões. (...) a força social das representações não está necessariamente proporcionada ao seu valor de verdade. O mundo social é também representação e verdade, e existir socialmente é ser percebido como distinto. (BOURDIEU, 1998, 118-121).

O período de 1950 a 1960 foi o de maior efervescência da Guerra Fria e também, o auge da revista nas esferas nacional e internacional. A revista encontrava-se no seu apogeu de tiragens tendo estreitas relações econômicas e políticas com os governos da época. As representações da Guerra Fria através de Pearson constituem viés para a observação dessa realidade. O jornalista norte-americano Drew Pearson (1897-1969), era considerado um correspondente internacional² e um importante jornalista investigativo. Assinou a coluna *Carrossel do Mundo* entre os anos de 1947 a 1963, nas páginas da revista *O Cruzeiro*. O perfil jornalístico de Drew Pearson era, segundo ele mesmo, “*tendo seu olfato apurado estava sempre em busca de algo que não cheirava bem*” (PEARSON, D. e ANDERSON, J., 1959.p. 20). Evidencia-se a necessidade de interpretação que as opiniões assumem frequentemente sobre a política, onde exprimem seu pensamento acerca de noções baseadas na moral e em valores que consistem fundamentalmente na própria sociedade jornalística.

O mundo nas páginas de *O Cruzeiro*

¹ De acordo com Rodrigo Patto Sá Motta, o imaginário anticomunista era percebido em expressões como: “Nomear comunistas é nomear inimigos da Pátria”. “O inimigo de Deus”. O “perigo vermelho é uma ameaça que deveria ser enfrentada para o bem da sociedade”. (MOTTA, 2002, p. 27).

²Drew Pearson se intitula correspondente de vários países. (BAMMANN, 2011).

A revista *O Cruzeiro* foi fundada em 24 de maio de 1928, no Rio de Janeiro, na sede de o “*O Jornal*” onde funcionava num prédio estreito de três andares, localizado na Rua Rodrigo Silva, nº 14, que mais tarde foi conhecida como “O mundo em papel *couche*”. Em reunião com jornalistas convidados com o intuito de fundar a Sociedade Anônima Empresa Gráfica *O Cruzeiro*, Assis Chateaubriand apresentou o investimento. Era uma revista semanal ilustrada, considerada à frente de seu tempo e a maior da América Latina, posteriormente circulando em todo o Brasil, em Portugal, na Argentina, no Chile e no México. Em seus 46 anos inúmeras reportagens de diversas faces foram feitas pela revista desde a cobertura do carnaval do Rio de Janeiro, a morte de Getúlio Vargas, disco voador na Barra da Tijuca, Bomba Atômica Russa, O desembarque de tropas americanas no Líbano, Espionagem em Berlim enriquecendo assim as suas 150 páginas em papel *couche*.

Com tiragem inicial de 50 mil exemplares, estabelecia um verdadeiro recorde para os padrões da época chegando à tiragem de 600.000.000 exemplares em média, entre o meio e o final da década de 1950, atingindo um público estimado entre 3 e 4 milhões de leitores (devemos lembrar que cada revista normalmente era lida por várias pessoas). (ROMANELLO, 2006).

Os temas culturais, a coluna social e a transformação de elementos da sociedade e da paisagem em espetáculo constituem os motes de um periódico voltado a entreter e informar o público. (GAWRYSZEWSKI, 2009) *O Cruzeiro*, de fato foi mais do que uma revista ilustrada, foi um modelo para a mídia brasileira, ou, melhor dizendo, foi uma lançadora de modelos que motivou importantes mudanças nas estruturas da própria comunicação do país. Ao longo das décadas em que a revista circulou, as matérias e reportagens veiculadas em suas páginas ganharam a confiança dos leitores e eram, em larga medida, encaradas como “A Verdade” sobre os fatos e não apenas uma versão entre as muitas possíveis. (GAWRYSZEWSKI, 2009, p. 55).

Na história da revista o apoio aos políticos não era uma postura muito clara e, principalmente, quase nunca assumida publicamente. *O Cruzeiro* – assim como qualquer outro órgão de comunicação de Chateaubriand – podia publicar propagandas de campanha de outros candidatos oposicionistas da mesma forma que publicava matérias, geralmente pagas, a respeito das realizações de governo, até mesmo de seus piores inimigos, caso isto se fizesse necessário. Este era um expediente interessante que garantia as fontes de renda necessárias à

sobrevivência de suas empresas ao mesmo tempo em que mantinha junto ao público uma imagem de imparcialidade, o que aumentava sua credibilidade. O mais comum era que a resistência em liberar dinheiro para propaganda por parte de algum governante, ou mesmo pessoa influente, acarretasse destruidoras campanhas contra sua imagem. (URSINI, 2000).

O Cruzeiro cobriu de forma marcante um expressivo e importante período histórico e foi considerada o rosto e a voz do Brasil, onde consagrou diversos jornalistas. Publicou inúmeras reportagens sobre os países que utilizavam energia nuclear como arsenal de guerra, onde selecionamos algumas reportagens, dentre elas se destacou as propostas de proibição de experiências nucleares discutidas na Conferência de Genebra e a repercussão do rearmamento da Alemanha e da União Soviética.

Realizamos a relação da imprensa com a história partindo do pressuposto de Eugênio Bucci, que afirma em seu livro *Sobre ética e imprensa*, “O jornalismo é conflito, e quando não há conflito no jornalismo, um alarme deve soar. Aliás, a ética só existe porque a comunicação social é um lugar de conflito. Onde a etiqueta cala, a ética pergunta”. (BUCCI, 2004, p. 45)

Nesta perspectiva de análise que calcamos nos estudos numa leitura além das representações das esferas do poder da imprensa como meio de comunicação, percebendo que os critérios de análise devem ser bem elaborados para não cairmos nas armadilhas de que as fontes *falam por si mesmas*. Temos que perpassar pelos inúmeros labirintos de análise do discurso, de análise da instituição que carrega as ideologias de seu proprietário, qual é o seu público alvo, suas relações com o Estado, suas relações com interesses internacionais, em não credibilizarmos ou de aceitarmos como verdade absoluta as afirmações contidas na imprensa, como já foi comum se fazer. Tânia Regina de Luca, em seu artigo *História dos, e por meio dos periódicos*, aborda o seguinte:

Não se pode desprezar o peso de certa tradição, dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do XX, associada ao ideal de busca da verdade dos fatos, que se julgava atingível por intermediário dos documentos, cuja natureza estava longe de ser irrelevante. Para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo. Estabeleceu-se uma

hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez permitirem captar o ocorrido dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas. (DE LUCA, 2005, p.111-112).

Percebemos um alargamento nas novas propostas de análises dos periódicos, porém como afirma Ana Maria Almeida Camargo, temos de ter alguns cuidados:

Depois de reiterar as armadilhas reservadas pela imprensa “corremos o grande risco de ir buscar num periódico precisamente aquilo que queremos confirmar, o que em geral acontece quando desvinculamos uma palavra, uma linha ou texto inteiro de uma realidade” apresentamos diagnóstico preciso da situação. (DE LUCA apud CAMARGO, 2005, p. 117).

Neste sentido é que propomos desconstruir a imagem da imprensa como utilizada para confirmar hipóteses, e sim para ser utilizada para ampliar novos estudos, desafiando conceituar, mapear e esclarecer condições de produção.

Buscamos na análise do discurso da escola francesa, as contribuições de Michel Pêcheux e Michel Foucault, para podermos compreender como estabelecer esta estreita relação entre a história e imprensa na análise do discurso de Drew Pearson nas páginas da revista *O Cruzeiro*, que perpassa no contexto do maior conflito de poder, ideologias e de políticas diplomáticas no período da Guerra Fria, intitulado como uma guerra de nervos e de estratégias.

Como Bethania Sampaio Corrêa Mariani utiliza como principal fonte de análise, intitulada como *O comunismo imaginária: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*:

A escola francesa de análise do discurso (de agora em diante AD) se apresenta como sendo uma teoria crítica da linguagem, uma teoria que, por se situar no entremeio das ciências sociais humanas, está sempre reinvestigando os fundamentos de seu campo de conhecimento: as relações entre a linguagem, a história, a sociedade e a ideologia, a produção de sentidos e a noção de sujeito, a AD se propõe a discutir e a definir linguagem

e a natureza da relação que se estabelece com a exterioridade, tendo em vista seu objetivo principal de compreender os modos de determinação histórica dos processos de produção dos sentidos na perspectiva de uma semântica de cunho materialista. Para tanto, o fundador da AD, Michel Pêcheux, propôs articular três regiões do saber: o materialismo histórico, enquanto teorias das formações sociais e suas transformações; a lingüística, enquanto teoria dos processos não subjetivos de enunciação e a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Estas três regiões, ainda de acordo com Pêcheux, são atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica. (MARIANI, 1996, p. 21)

Bethania Sampaio Corrêa Mariani elencou em seu trabalho quais os principais métodos de análise dentro da análise do discurso francesa que poderiam ser utilizados para interpretar os discursos comunistas na imprensa. Evidenciando o estudo do sujeito que escrevia as reportagens, a ideologia que norteava o jornal e contexto histórico em que estavam inseridos.

Pretendemos enfatizar primordialmente os estudos que se fazem presente na análise do discurso que perpassam pelos pontos primordiais o sujeito na figura do jornalista norte-americano Drew Pearson, na ideologia que transcorre tanto na revista como fonte e objeto que são retratados em seus artigos publicadas na mesma, e no contexto histórico em que toda esta conjuntura da Guerra Fria.

O artigo do dia 25 de maio 1957: *Dulles não quer dar trigo á Polônia* elucida bem o jogo de estratégias e articulações políticas, Drew Pearson salienta:

Washington maio: embora os celeiros americanos estejam transportando de trigo, o Departamento de Estado tem dito aos intermediários do Governo polonês que devem ir procurar no Canadá o trigo de que necessitam para alimentar o faminto povo polonês.

A lei determina que o Secretário de Estado certifique que a Polônia é uma nação amiga, antes que esta possa candidatar-se a receber os excedentes americanos de alimentos. Trata-se de um ponto em que cabe discussão. Pode-se argumentar que o povo polonês é amigo, e que o Governo da Polônia, embora seja comunista, quer ser amigo.

Entretanto, o Secretário John Foster Dulles está preocupado com a reação que se desencadeará no país se ajudar os poloneses. Ao mesmo tempo, não quer que estes voltem de mãos vazias.

Dulles sabe também que os outros países satélites da União Soviética têm os olhos voltados para as negociações em Washington. Se a delegação polonesa regressar sem a ajuda ocidental, a Polônia ficará à mercê de Moscou e

provavelmente o atual Governo moderado de Varsóvia não se conseguirá manter no poder. (O CRUZEIRO, 1957)

Podemos ressaltar que todos os artigos são muito extensos, sendo prolixos. Expunham sobre muitos temas num mesmo artigo. Como em Washington estavam sendo publicados diariamente, estes eram reunidos durante toda a semana e enviados para a revista para serem publicados semanalmente. Os artigos tinham em média em torno de 21 dias de diferença entre os acontecimentos e a publicação dos artigos em *O Cruzeiro*. Porém alguns acontecimentos eram publicados muito antes, exemplo a descoberta da Bomba Atômica pela União Soviética nos artigos do ano de 1950, Drew Pearson afirmava que a União Soviética possuía uma Bomba Atômica, que não tardaria para que o mundo tomasse conhecimento. Alguns títulos eram repetidos anos depois, alguns artigos passam a sensação de que foram reescritos e que não contém a linguagem jornalística Drew Pearson dos anteriores.

O contexto abrange notícias nacionais que seriam vinculadas a acontecimentos no governo americano ou sobre políticos americanos e também assuntos sobre o mundo ou em especial sobre países com a China, Coréia e Rússia.

Na seguinte reportagem do dia 3 de maio de 1958: *Os progressos Russos nas bombas nucleares*. Nas palavras do autor:

Eisenhower e Foster Dulles discutiram a conveniência de anunciar que a Rússia havia concluído recentemente as maiores experiências com bombas de hidrogênio da história, mas neste caso, seria preciso reconhecer que a união soviética estava muito mais adiantada do que os EUA nesse particular. A Verdade é que os postos norte-americanos de observação ao longo da cortina de ferro colheram as seguintes informações, exatas, mas deprimentes: A Rússia efetuou experiências com 3 cabeças explosivas de hidrogênio para serem usadas em projeteis dirigidos: intercontinentais e médios A Rússia efetuou experiências com 5 cabeças atômicas de foguetes no ar. Uma dessas cabeças de foguetes explodiu a 95 km de altura, isto é 15 km mais alto do que qualquer bomba atômica que os EUA já tenham feito explodir. Eisenhower e Dulles, depois de debaterem longamente o assunto, chagaram a conclusão de que não era possível revelar ao povo norte americano que o país se achava tão atrasado em relação à Rússia. (O CRUZEIRO, 1958)

Na sua forma estética percebemos que ao longo dos anos em especial nos anos de 1959 e 1960 os artigos diminuíram de tamanho e passaram a trazer assuntos específicos de

acordo com os títulos, não como as anteriores que abordavam mais de um assunto ou temática por reportagem. Durante os meses de outubro a dezembro de 1958 não foram publicados seus artigos. De acordo com registros, há suspeitas que neste período Drew Pearson tivesse sido proibido de publicar seus artigos, pois estava exilado em algum país da Europa.

Considerações finais

Propomos desconstruir a imagem da imprensa como utilizada para confirma hipóteses, e sim para ser utilizada para ampliar novos estudos, desafiando conceituar, mapear e esclarecer condições de produção. Para estabelecer esta estreita relação entre a História e Imprensa na análise do discurso de Drew Pearson nas páginas da revista *O Cruzeiro*, que perpassa no contexto do maior conflito de poder, ideologias e de políticas diplomáticas no período da Guerra Fria, intitulado como uma guerra de nervos e de estratégias.

Percebemos que os artigos publicados pela revista *O Cruzeiro* estão intimamente ligados aos eixos centrais que tornam tão efervescente a Guerra Fria, que se referem ao anticomunismo, as manipulações de energia nuclear num intenso rearmamento dos Estados Unidos e União Soviética e as relações comerciais e diplomáticas que se estabelecem com todos os países do globo numa intensa busca de aliados ou na ampliação das áreas de influência.

Aspiramos integrar o conteúdo dos artigos como elemento fundamental na reconstrução do passado neste contexto de Guerra Fria articulando as relações nacionais e internacionais. Tendo como proposta de estudo analisarmos como o Brasil se insere neste contexto de Guerra Fria, sendo em alguns momentos acusados de comunistas, ora sendo ressaltado como uma peça importante nas relações comerciais como os Estados Unidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS

BAMMANN, Kellen. *Americanização no Brasil e na Alemanha: uma proposta de interpretação através dos grupos de pressão de O cruzeiro e Der Spiegel (1947-1957)*. Dissertação apresentada ao PPGH, PUCRS, 2011.

BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. 4. ed. Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília, 2011.

CURSO DE INTRODUÇÃO ÀS RELAÇÕES INTERNACIONAIS. Brasília: Universidade de Brasília, 1983. 6v.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos Cristãos*. São Carlos: Ed. Universidade Federal de São Carlos, 2009.

DE LUCA, Tânia Regina. *Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSK, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 22. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

GAWRYSZEWSKI, Alberto (Coord.). *O Cruzeiro: uma revista (muito) ilustrada*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009.

HOBBSAWM, E. J.; *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LIMA, Fernanda de Almeida de. *Língua e discurso: aproximações*. Revelli – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas– v.4, n. 1 – março de 2012 – p.186-188

MAGNOLI, Demétrio; BARBOSA, Elaine Senise (Coord.). *O mundo contemporâneo: relações internacionais 1945-2000*. São Paulo: Moderna, 1996.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. *O comunismo imaginária: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*: 1996. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MEYRER, Marlise Regina. *Representações do desenvolvimento nas Fotorreportagens da Revista O Cruzeiro (1955-1957)* 2007. Tese (Doutorado em História) - Pontífice Universidade de Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

MORAIS, Fernando. *Chatô o Rei do Brasil: A vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NETTO, Accioly. *O império de papel: os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Sulina, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3.ed. Campinas: Pontes, 2001.

_____. (Coord.) *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas: Ed. Universidade Estadual de Campinas, 1994.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

PEARSON, Drew e ANDERSON, Jack.; *Usa - Potência de Segunda Classe?* São Paulo: Best Seller, 1959.

PINSKY, Carla Bassamezi (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

PONTES, F. S.. *Teoria e História do Jornalismo: desafios epistemológicos*. Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2009.

REVISTA O CRUZEIRO. Rio de Janeiro: [s.n.], 1950-1960.

ROMANELLO. J. L. *A natureza no discurso fotográfico da revista O Cruzeiro: paisagens e imaginários no Brasil desenvolvimentista*. Assis, 2006. Tese (Doutorado em História) Universidade Estadual Paulista.

SARAIVA, José Flávio Sombra Saraiva (org.). *Relações internacionais: dois séculos de História: entre a ordem bipolar e o policentrismo (de 1947 a nossos dias)*, Brasília, IBRI, 2001.

SERPA, Leoni. *A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2003.

URSINI, Leslye Bombonato. *A Revista O Cruzeiro na virada da década de 1930*. Dissertação: Mestrado. Antropologia Social Universidade Estadual de Campinas 2000.

VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. *Da Guerra Fria à Crise*. 4.ed. Porto Alegre, UFRGS, 2006.